

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA – UAPSI  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Uma flor exótica irrompe no jardim: o surgimento do  
Transfeminismo e as tensões geradas em torno da sua  
inserção no movimento feminista**

ANA BEATRIZ DE MEDEIROS MORAIS

CAMPINA GRANDE – PB

2016

ANA BEATRIZ DE MEDEIROS MORAIS

**Uma flor exótica irrompe no jardim: o surgimento do  
Transfeminismo e as tensões geradas em torno da sua  
inserção no movimento feminista**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado no curso de Psicologia  
da Universidade Federal de  
Campina Grande como forma de  
requisito para obtenção do título de  
bacharel em psicologia (Psicóloga).  
Orientadora: Dr<sup>a</sup> Maristela de Melo  
Moraes.

CAMPINA GRANDE – PB

2016

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro Silva”- UFCG**

M827f

Morais, Ana Beatriz de Medeiros.

Uma flor exótica irrompe no jardim: o surgimento do transfeminismo e as tensões geradas em torno da sua inserção no movimento feminista / Ana Beatriz de Medeiros Moraes. – Campina Grande, PB: O autor, 2016.

37 f. 21 x 27,9 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Maristela de Melo Moraes.

1. Transfeminismo. 2.Feminismo Radical.3.Psicologia. 4.Epistemologias Feministas. I. Moraes, Maristela de Melo. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9:396 (813.3)

ANA BEATRIZ DE MEDEIROS MORAIS

**Uma flor exótica irrompe no jardim: o surgimento do  
Transfeminismo e as tensões geradas em torno da sua  
inserção no movimento feminista**

APROVADO EM: 23 / 05 / 2016

NOTA: 10,0

BANCA EXAMINADORA:



Maristela de Melo Moraes

Orientadora

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG



Céu Silva Cavalcanti

Co-orientadora

Universidade Federal do Pernambuco – UFPE



Betânia Maria Oliveira de Amorim

Examinadora

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Dedico este trabalho a todas nós, mulheres, que com (r)existência persistimos na luta. É a força potente do feminismo que me faz acordar todos os dias buscando um mundo mais justo e livre do machismo. Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres!

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e o que eu tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

Glória Anzaldúa em “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo”, 1981.

Escrever não é fácil!

Trago em cada linha o meu próprio sangue.

Trago também o líquido rubro das veias de minhas irmãs que também choraram!

Sinto os açoites de minhas companheiras negras, proferidos pela mão musculosa do machismo!

Sinto a invasão no corpo de cada mulher indígena.

Sinto o peso das mulheres obrigadas a ser mães e esposas, caladas.

Cale-se!

Cálice de sangue derramado de outras irmãs, mortas sob a justificativa de serem homens de saia.

Sinto em cada átomo do meu corpo, o eco das vozes de grito de minhas companheiras agredidas.

Escrevo com o gosto de sangue e ferro na boca.

Sinto as amarras nos corpos disformes, no corpo inconforme que não está na capa da revista.

Sinto o impacto dos estupros corretivos realizados sob a desculpa de corrigir o erro de amar.

Amar não é errado.

Sinto o olhar invasivo dirigido a qualquer pedaço de meu corpo que esteja exposta

Sinto o fogo que arde em mim e que ardeu muito mais na pele forte das bruxas queimadas na fogueira.

Sou descendente dessas bruxas!

É com sangue, com muito sangue que seguro essa caneta e a uso de arma.

Escrevo com mãos diferentes de quem cobre a minha nudez

Quem minha escrita salva?

Que responsabilidade tem a mão de quem a empunha?

É com sangue e lágrimas que escrevo essas linhas tortas.

4 de dezembro de 2015.

## AGRADECIMENTOS

Como é difícil chegar até aqui e não passar vários minutos olhando para o currículo piscando e pensar “por onde eu começo?”. Eu sabia que essa seria uma das partes mais difíceis, são muitas pessoas, sons, afetações e encontros para agradecer e sempre temos o receio de deixar que algum nome ou momento passe despercebido.

Agradeço primeiramente a minha mãe, por ser uma mulher forte, que me pariu e me criou sem a presença de um ser masculino. Enfrentou inúmeros obstáculos, derramou suor e hoje e sempre, é o maior referencial de amor que eu posso ter, com esse coração imenso e essa compreensão que sempre me acolhe. À minha madrinha por ser a minha segunda mãe e o maior incentivo para que eu estudasse, trazendo-me sempre ensinamentos sábios e suas experiências de vida. Ao meu padrinho, por ser esse pai tão doce e bondoso. À minha família por ser o berço amoroso e potente que me constitui enquanto pessoa: Minhas irmãs Karinne, Lilica e Luluca, minhas sobrinhas Ana Luíza e Ana Letícia, meu sobrinho Vinícius, todas as minhas tias e tios, primos e primas. À minha avó (in *memorian*) por ter sido tão importante em minha vida e me fazer sorrir cada vez que alguém diz “essa menina puxou a avó!”, ouvir isso é um orgulho imenso! Aos meus avós por serem essa conexão com minhas raízes ancestrais.

Às pessoas de infância que são presentes até hoje em minha vida: Vitória, Ana Flávia, Murilo e Pedro. Vocês acompanharam muitas faces de um mesmo eu, obrigada por crescerem junto a mim!

À Rafa, por ser o irmão que eu não tive, pelos quatro anos que moramos juntos, pelas inúmeras risadas, viagens e aventuras, pelas nossas TPMs, pelo cuidado que temos com o outro. À Pipa e as pessoas que moram e que já moraram comigo que são tantas que não correrei o risco de citar e esquecer alguém. Vocês constituem a minha família fora de casa, as pessoas que eu escolhi pra dividir o dia a dia. Obrigada por me aguentarem nessa rotina louca.

Aos amigos RC's e demais amigos serranegrenses, por serem um motivo a mais para que eu sempre volte a minha cidade, cheia de saudade.

Ao amigos Lombrá Eterna na Ressaca Moral, por serem mais que ninguém, propulsores de mudanças em mim. Vocês são responsáveis por todas essas mudanças de



2012 pra cá, obrigada por me fazerem entrar em contato com meu verdadeiro eu, vou abrir aqui um espaço para agradecer a Laís pelas conchinhas e o amor de sempre.

À todas as minhas amigas e amigos que conheci em Campina Grande e tornaram esse lugar tão agradável a ponto de eu não mais querer ir embora, especialmente minhas amigas sapatonas, meus amigos viados, as bi e as trans.

À todos os meus amigos e amigas que de alguma forma, me passaram amor, afeto e cuidado.

À minha turma, por serem companheiros de experiências e aprendizado, principalmente Abu, João, Mari, Luiz, Matheus, Samilly, Jamilly, Raquel, entre outras tantas pessoas.

À meu refúgio de amor, já já eu volto pra nossa casinha, Abu e Luiz.

À Day, por ser essa presença que acalma e renova!

À Rebecca, por construir comigo vários significados para a palavra amor e ver que nenhum deles rima com posse.

Aos professores e supervisores de campo, que ensinam muito mais que disciplinas e práticas profissionais, ensinam sobre vida: minha orientadora e supervisora de estágio Maristela, que foi um encontro que me mostrou como é possível (e imprescindível) que façamos uma prática militante. Obrigada por ser tão disponível e braços abertos para me acolher. As professoras Flavinha, Juliane, Betânia, Élvia, Cleide, Valquíria, aos professores Tiago, Anderson, Ivontônio (*in memorian*). À meus supervisores de estágio, principalmente Elayne e Paulo e às minhas companheiras de estágio Samira e Keka. Que bom que encontrei pessoas com fôlego suficiente para me acompanhar na minha caminhada contra-hegemônica! Vocês foram verdadeiros exemplos de atuação ética.

Aos Encontros Regionais de Psicologia Norte e Nordeste (EREPs) e todas as pessoas que ali encontrei, por me ensinarem que é nas cirandas da vida e no encontro com o outro que vamos tecendo fazeres possíveis na psicologia.

À tio Oris, por ser um ser humano a serviço da humanidade, por proferir todas as semanas, palavras de afeto, por ter compartilhado suas inúmeras experiências, pela banda cinco minutos.

Aos Desfazendo Gênero, por me colocarem tão próximos ao que acredito, por me permitirem uma visão crítica sobre a rigidez das pertencas identitárias e por fazerem eu me aproximar de Céu, essa linda que é amiga de longas datas e que com doçura e amor, constrói comigo tantos saberes de quais eu falo. Gratidão por fazer parte da minha banca! À Zoé, Halli, Francisco Sena, Bárbara Esmênia e nossas aventuras soteropolitanas.

Às crianças do Ruanda e aos usuários do Centro de Referência Especializada em Assistência Social por terem construído comigo as práticas que irão me reger enquanto profissional.

Ao Baque Virado da Borborema, por me mostrarem que não somos só um grupo de maracatu, somos uma família pulsante ao som das alfaias.

À Marcha Mundial de Mulheres – Núcleo Maria do Céu, por ter me permitido encontrar tantas companheiras de luta maravilhosas e corajosas, que me dão forças pra enfrentar todo esse machismo.

À arte, aos meus pincéis e minhas palavras, meus lápis de cor, minha aquarela, minhas linhas e agulhas. Aos sons que tanto me acalmaram, à Miguel Inseta por ter me mandado seu ep no dia conturbado onde terminei meus escritos. Suas músicas são um presente ao meu ouvido!

À todas as pessoas que me aguentaram nesse processo árduo de reclamar todos os dias sobre TCC.

À todas as formas de (R)existência e as histórias que não posso deixar que afundem!

Sou toda grata!

## RESUMO

O movimento feminista tem se modificado desde a sua eclosão no final do século XIX até os dias atuais. Nesse cenário de mudanças, várias correntes do feminismo vão emergindo, ou seria melhor pensar em vários feminismos? Isso acontece principalmente porque o conceito de mulher, geralmente usado em uma relação de diferença com o de homem e construído de forma hegemônica, não consegue abarcar em si, todas as especificidades da experiência do ser mulher. Neste ensaio, situo o surgimento do transfeminismo no marco temporal do 10º Encontro Feminista Latinoamericano e do Caribe, problematizando o sujeito hegemônico do feminismo para, a partir dele, apontar e discutir os tensionamentos existentes entre Transfeministas e Feministas Radicais no tocante à inserção do Transfeminismo no movimento feminista. Além disso, proponho uma discussão das interfaces entre as epistemologias feministas e a psicologia, problematizando seu papel ético e político no que se refere ao debate sobre o transfeminismo.

Palavras-chave: Transfeminismo; Feminismo Radical; Psicologia; Epistemologias Feministas.

## **RESUMEN**

El movimiento feminista ha cambiado desde su aparición a finales del siglo XIX hasta la actualidad. En este escenario cambios, diversas corrientes del feminismo están surgiendo, o sería mejor pensar en muchos feminismos? Esto ocurre principalmente porque el concepto de la mujer, por lo general utilizado en una diferencia en relación con el hombre y construido de manera hegemónica, no puede llevar a sí mismo, todos los detalles de la experiencia de ser una mujer. En este ensayo, sitúo la aparición de transfeminismo el plazo del 10 Encuentro Feminista Latinoamericano y el Caribe, discutiendo el feminismo hegemónico objeto pues de él, el punto y se discuten las tensiones existentes entre Transfeministas y feministas radicales con respecto a la inserción de transfeminismo en movimiento feminista. También propongo una discusión de las interfaces entre la epistemología feminista y la psicología, cuestionando su papel ético y político en relación con el debate sobre el transfeminismo.

Palabras clave: transfeminismo; El feminismo radical; psicología; Epistemologías feministas.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>MOLHANDO A TERRA: PREPARANDO O SOLO FÉRTIL COM O FEMINISMO.....</b>	<b>15</b>
<b>DENTRE AS FLORES, A ROSA: O SUJEITO HEGEMÔNICO DO FEMINISMO!.....</b>	<b>19</b>
<b>SEU NOME NÃO ESTÁ NOS LIVROS, SUA COR NÃO SE PERCEBE, MAS É UMA FLOR: SURGIMENTO DO TRANSFEMINISMO NO MOVIMENTO FEMINISTA.....</b>	<b>21</b>
<b>QUE FLORES PODEM COEXISTIR NESTE MESMO JARDIM? TENSÕES GERADAS PELO TRANSFEMINISMO.....</b>	<b>24</b>
<b>SABERES PSI: ADUBO E VENENO PARA AS FLORES DO JARDIM.....</b>	<b>29</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS (MAS É SÓ O INÍCIO.....)</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	

Desde muito tempo, nós mulheres, somos a segunda voz, o papel secundário, as c  
calam, submissas, o corpo apropriável, violável (ou pelo menos é isso que esperam ...  
nós). Por mais grandiosas que sejam as coisas que realizamos, pouco somos  
reconhecidas. O Estado, a Igreja, a Medicina, a Psicologia e o Direito são exemplos de  
amarras que nos sufocam, que tomam nosso corpo como deles. Nós e nossas irmãs  
somos invisibilizadas (umas mais, outras menos, mas todas somos de alguma forma!). O  
que quero dizer com tudo isso? De uma vida inteira de privações, onde lugar de mulher  
era na cozinha e cuidando da prole e do lar, escrever foi algo que nem sempre nos foi  
permitido, “porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é  
temida” (ANZALDUA, 2000, p.234).

Então, me pego refletida a este ato de escrever e o quanto é imprescindível que eu  
escreva, mesmo que seja com o próprio sangue ou que custe o meu próprio sangue! Sou  
mulher nascida no interior de um pequeno estado do nordeste, feminista por  
sobrevivência e graduanda em psicologia. Trago marcas em meu corpo, umas  
esculpidas pelo braço feroz do machismo, essas marcas não são palpáveis, mas são  
profundas e psicológicas. Outras, pensadas por mim e expressas em meu corpo. Gosto  
de pensar em minhas tatuagens e o que elas significam para mim. Principalmente duas  
especificamente: na perna direita, uma âncora com balões e no braço esquerdo, a  
palavra (*r*)*existência*. O que isso tudo pode dizer sobre o lugar do qual eu falo? A que  
estamos resistindo? Existem lados que pesam e lados que flutuam? Há lados?

Escolher como tema os tensionamentos do transfeminismo é adentrar numa  
discussão bastante complexa e trazer minhas próprias inquietações dentro do  
movimento feminista. É bastante desafiador se propor a escrever sobre as efervescências  
vindas com a inserção do transfeminismo no movimento feminista quando se tem ainda  
pouca referência acadêmica sobre o tema, então estar aqui desenrolando essas linhas é  
também um compromisso militante com a causa.

Não poderia percorrer esses caminhos sinuosos aos quais me proponho sem escolher  
uma forma de escrita que me dê asas para discorrer e tecer bordados sobre o tema ao  
qual me debrucei, fugindo das falácias de uma escrita muito vinculado à forma  
tradicional de construção acadêmica da ciência que bebe bastante das águas do  
positivismo e sim propondo outra forma de construir conhecimento científico mais

compromissado ético-politicamente com as demandas da sociedade. Mas, como, dentro da academia, consigo escrever linhas tão resistentes, fugir dos moldes tradicionais científicos e ainda fazer construções pertinentes? É um grande esforço contra hegemônico fugir do engessamento de ideias e palavras, podemos escrever sobre o que quisermos, mas há moldes e metodologias onde deveremos nos encaixar. Como costurar retalhos com linhas firmes e fugir das amarras?

Não vejo forma mais adequada de expor e conversar com o meu tema, senão pelo ensaio, gênero de escrita bastante criticado pela ortodoxia da Ciência com “c” maiúsculo, que “confundiria ou atravessaria a distinção entre ciência, conhecimento, objetividade e racionalidade, por um lado; e arte, imaginação, subjetividade e irracionalidade por outro” (LARROSSA, 2003, p.106). O ensaísta então é um tecedor de palavras que incomoda, indo, com exercício de paciência, construindo tecidos fortes e resistentes a partir de seus próprios posicionamentos críticos, é um texto que brinca, que sorri, que canta e corre, que transpira, que lateja, em contrapartida aos textos acadêmicos tão já enfadados que de tão engessados, mal conseguem percorrer grandes distâncias, pular muros e catracas.

As ideias advindas das epistemologias feministas tiveram um papel fundamental no questionamento dessa hegemonia científica de que tanto falo, pois, como nos trazem Sofia Neves e Conceição Nogueira (2005, p.409) reiteraram a inevitabilidade de se contestar a ordem dominante das ciências sociais, que para além de redutora, dado o seu caráter restritivo e não inclusivo, se tornou também opressora e limitadora das especificidades culturais e da diversidade societal. Desse modo, também colaboraram com a construção do conceito de reflexividade, que é justamente o que perpassa todo esse texto ensaístico, onde, se concordarmos que a ciência não é neutra, todo tema de pesquisa e modo de pesquisar tem relação com os lugares ocupados pelos pesquisadores, com os objetivos de pesquisa, com escolhas teóricas e metodológicas e com os resultados esperados (RODRIGUES; MENEZES, 2013, p.9).

É importante que sendo uma mulher cisgênera ou cis<sup>1</sup> e que é colocada em um lugar acadêmico de suposto saber, onde muitas destas pessoas de quem eu falo não terão

---

<sup>1</sup> Uma pessoa cisgênera é vista socialmente em conformidade com seu corpo e gênero impostos no nascimento. Historicamente, a ciência criou as identidades trans\* enquanto conceito, mas não criou nenhum termo para as identidades “naturais”. Por isso, a adoção do termo cis denuncia esse status social. Denotar cis é o mesmo processo político de nomear trans\*: nomeia uma experiência e possibilita sua análise crítica. (Disponível em: <https://ensaiosexgenero.wordpress.com/2012/09/17/o-que-sao-pessoas-cis-e-cissexismo/>)

oportunidade de chegar, não pretendo em momento algum tomar a voz de qualquer mulher transfeminista, jamais tomar para mim um protagonismo que não é meu, mas sim, reconhecer o meu lugar de privilégio perante estas pessoas. “O que importa é o que você faz com esse lugar de privilégio”, disse-me uma amiga em um dos dias chuvosos em que eu decidira não mais continuar a escrever. Reconhecendo esse lugar, escreverei a história de luta de existências apagadas, de corpos violáveis e resistentes. O que pretendo é caminhar ao lado, escrevendo com e para as mulheres transfeministas e não sobre elas.

A construção desse trabalho foi como uma longa gestação: engravidei da ideia, alimentei, cuidei, nutri e a pesquisa criou corpo, membros! Me trouxe alegrias, emoções, noites sem dormir e angústias também (como será essa criança? Estarei eu pronta pra ser mãe de um ser tão grande e complexo?). Muitos afetos percorrem o longo caminho entre engravidar e parir o texto e não há como discorrer sobre o tema sem antes traçar um percurso histórico do movimento feminista e de como ele tem permeado essa escrita.

É fundamental prepararmos bem o terreno, pois é nele onde brotam as nossas protagonistas, mulheres, flores e cores. Essa terra é palco de discussões acaloradas, de indagações, de construções e de militância! Precisamos falar sobre a história do feminismo e qual será a nossa caminhada até chegar aos tensionamentos do transfeminismo.

## **MOLHANDO A TERRA: PREPARANDO O SOLO FÉRTIL COM O FEMINISMO**

O movimento feminista tem se modificado desde a sua eclosão no final do século XIX até os dias atuais. Inicialmente, a luta das mulheres foi pelos seus direitos políticos, como o voto, mas depois, “aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher [...], mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo” (PINTO, 2010, p.16). O feminismo inaugurou uma nova forma de pensar sobre gênero, ao trazer não só um estudo sobre a



experiência do ser mulher, mas como é ser mulher nesse campo relacional e desigual de poder entre os vários gêneros.

Nesse cenário de mudanças, várias correntes do feminismo vão emergindo, ou seria melhor pensar em vários feminismos? Isso acontece porque o conceito de mulher, geralmente usado em uma relação de diferença com o de homem e construído de forma hegemônica, não consegue abarcar em si, todas as especificidades da experiência do ser mulher, principalmente porque ele foi cunhado, dentro do movimento, com base em mulheres cis, geralmente brancas e europeias e com alto poder aquisitivo. Ao invés de um significante estável a comandar o consentimento daquelas a quem pretende descrever e representar, mulheres – mesmo no plural – tornou-se um termo problemático, um ponto de contestação, uma causa de ansiedade, nos traz Judith Butler (2015, p.20). Foi por meio dessa própria crítica tecida pelo feminismo a ele mesmo que surgiram, por exemplo, o feminismo negro, o feminismo lésbico e o transfeminismo.

Algumas definições trazem o transfeminismo como uma corrente do feminismo ligada às questões específicas do público trans\*<sup>2</sup>, mas essa definição soa um pouco incompleta demais, preferindo a definição de Jacqueline de Jesus (2014, p.17), importante ativista transfeminista que pontua o transfeminismo como uma categoria do feminismo que surge como uma resposta à falha do feminismo de base biológica em reconhecer plenamente o gênero como uma categoria distinta de sexo, construção bastante pertinente ao tema de minhas considerações ensaísticas.

Trazer o transfeminismo nesse trabalho e, mais precisamente, o incômodo que é gerado dentro do movimento entre transfeministas e feministas radicais, é estar comprometendo-se com uma crítica ao sujeito hegemônico no qual o feminismo esteve e ainda está alicerçado e à forma diversa como o gênero é entendido pelos vários feminismos.

Trilhando meus caminhos, irei iniciar esses passos utilizando o histórico 10º Encontro Feminista Latinoamericano e do Caribe – 10º EFLAC, realizado em 2005 no Brasil, como ponto de partida importante já que, pela primeira vez, houve uma reivindicação formal da participação das pessoas trans\* que se autodenominavam

---

<sup>2</sup> O termo trans\* é uma palavra que simboliza a abreviação de várias palavras, como transgêneros, transexuais e até travestis ou até pessoas trans que não se identificam com o sistema binário. Assim, o asterisco é adicionado e transforma o termo em um termo guarda-chuva, para que ele se torne menos excludente e o mais abrangente possível.

feministas no Encontro. Antes mesmo do início desse evento, as pessoas trans\* fizeram circular virtualmente um documento com argumentos sobre o porquê dessa participação. A partir daí, me proponho a problematizar como foram e estão sendo construídos, dentro do movimento feminista, os debates sobre o transfeminismo desde o Encontro até os dias atuais, trazendo para a discussão as tensões geradas principalmente entre transfeministas e feministas radicais.

Reconhecendo o lugar central que a internet tem essas discussões, por ser um modo mais democrático e acessível de circular as informações rapidamente, à *posteriori*, estarei também fazendo costuras e reflexões usando o blog Transfeminismo ([transfeminismo.com](http://transfeminismo.com)) como pano de fundo, considerando o mesmo como uma importante ferramenta de visibilidade transfeminista. Além dele, o blog Feminista Radical ([radfem.info](http://radfem.info)) também será comentado como objetivo de conseguir caminhar pelas duas forças argumentativas afim de realizar um posicionamento mais coerente e completo! Com isso, pretendo trazer intersecções de alguns arquivos dos blogs com as reflexões teóricas, tecendo também uma crítica ao sujeito hegemônico do feminismo e discutindo as principais interfaces entre a psicologia crítica e as epistemologias feministas.

É importante justificar o uso desse tipo de recurso como ferramentas aliadas à teoria que facilitarão a construção do alicerce desse trabalho, trazendo a reflexão de que boa parte (eu diria a maior parte) da produção transfeminista não está na academia. Não se acha com facilidade nem artigos sobre o transfeminismo, nem produções acadêmicas escritas pelas transfeministas. Jaqueline de Jesus (2013) nos aponta a internet como o campo principal dos debates transfeministas, realizados não apenas em espaços virtuais frequentados por pessoas transgêneros e criados para elas, mas atua na produção, difusão e crítica de informações sobre o pensamento transfeminista.

Podemos elencar aqui algumas hipóteses para buscar entender tal fenômeno: a primeira traz a falta de oportunidades e a dificuldade das pessoas trans\* em permanecerem no ambiente escolar, onde estão submetidas a diversas formas de desrespeito. Em várias mídias, falas de pessoas trans\* denunciam um perverso maquinário dentro das escolas públicas e privadas que, em pleno funcionamento, expulsa e mantém esses sujeitos fora delas - seja pela recusa de sua identidade de gênero, refletido no não uso do nome social e do problema em utilizar o banheiro que

mais se adéqua a sua experiência de gênero, seja pelo preconceito vindo tanto da equipe de profissionais, quanto dos alunos que compõe a rede de ensino, entre outros tantos motivos - quando esse espaço deveria ser garantido pelo princípio da universalização do ensino, com acesso e permanência de todas as pessoas no ambiente escolar. (SANTOS, 2009, p. 4421). Depois, e essa hipótese é muito mais particular, penso que seja intencional esse movimento de não deixar que o conhecimento seja produzido e se feche nos muros da academia, muros estes que aprisionam as pessoas trans\* muito mais do lado de fora, do que de dentro. Essa produção de conhecimento (r)existente feita fora do ambiente acadêmico, só reforça o fato de que “a internet é o canal por excelência de produção, difusão e crítica de informações sobre o pensamento-ação transfeminista” (JESUS, 2014, p.9), pois nela é possível a construção e transmissão do conhecimento de uma forma que possibilita que mais pessoas tenham acesso.

Não posso justificar a execução do projeto sem também me situar na graduação em psicologia e sem pensar sobre as contribuições que esse campo de saber pode trazer para os debates transfeministas. Para tanto, é importante tecer uma crítica a uma psicologia alicerçada nos moldes positivistas de produção de ciência, enquanto uma prática que ainda reproduz e naturaliza estruturas heterossexistas, androcêntricas e etnocêntricas e como ela tem se relacionado com as causas trans\*.

Como traz Teresa Ubach (2008, p.27), a tendência dominante de identificar-se e pretender-se como uma ciência experimental, com a ideia de uma psicologia neutra, objetiva e universal, faz com que, na psicologia, as resistências sejam bem maiores em combinar paradigma científico com compromisso político e alusões a questões como classe, sexualidade e racismo, do que em outras áreas do conhecimento como história, antropologia e sociologia. Dessa forma, a psicologia tende a oferecer explicações bem individualizantes de problemas de caráter social ou político, participando da regulação social com os distintos regimes de verdade e recuperando o biologicismo e o experimentalismo que a caracterizam com suas mais sutis formas de dominação patriarcal e racistas ou etnocêntricas.

Não quero que esse trabalho seja somente a via para obter uma nota e um diploma e terminar empoeirado na prateleira de uma biblioteca, acima de tudo, as linhas que aqui escrevo – e que ainda escreverei – são armas de combate, ferramentas de resistência, são ideias partidas das minhas experimentações e afetos pessoais, pois entendo que “não

existe separação entre vida e escrita” (ANZALDUA, 2000, p.233). Dessa forma, espero que ele atue enquanto uma forte ferramenta de crítica e problematização do campo de saber da psicologia, enquanto um lugar que possibilita a construção de uma prática compromissada ética e politicamente com as diversas formas do viver, procurando engrossar os debates que buscam um movimento feminista engajado, político e inclusivo.

## **DENTRE AS FLORES, A ROSA: O SUJEITO HEGEMÔNICO DO FEMINISMO!**

Estive pensando em como na minha infância, eu achava que flores e rosas eram a mesma coisa, falando em relação à palavra que se usa para nomear aquelas explosões de cores que nascem em meio ao verde e não aos tipos diferentes delas. Só depois de muito tempo vim descobrir que na verdade, a rosa nada mais é do que uma espécie de flor e que mesmo dentro da família das rosáceas, há muitas formas variadas de rosas. Mas o que isto tem a ver com os debates feministas que proponho? Tudo,oras!

Não é de hoje que o termo “mulher”, enquanto um conceito homogêneo e hegemônico que pretende representar todas as experiências do ser mulher vem sendo questionado e debatido. Isso porque a categoria identitária, posta dessa forma, deveria englobar também um conjunto de opressões vividas de forma compartilhada por todas as mulheres de forma semelhante, mas o próprio conceito não dá conta de abarcar essa multiplicidade.

Em seu livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade”, Judith Butler (2015, p.17) traz uma discussão muito pertinente sobre essa forma de política identitária ao pontuar que a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada. Traço aqui uma metáfora com o primeiro parágrafo deste tópico: se as rosas e o seu conceito, para mim, eram elas mesmas as representantes de toda uma categoria chamada flor, o conceito de mulher hegemônico construído no início do movimento feminista, assumia o mesmo papel, buscando esse ser uno que representaria por si só, todo um conjunto de opressões sofridas pelas mulheres, mas que, em contrapartida, não consegue abarcar todas as

formas diferentes do “ser mulher” – assim como a flor não consegue dar conta da infinidade de cores, aromas e formatos das flores.

Mediante o pequeno alcance do conceito uno de mulher, tal como estava cunhado, foram surgindo diversas ramificações dentro do movimento feminista ou poderíamos mesmo falar em feminismos, já que soa como construções e possibilidades dentro de um movimento e a primeira ideia, dá uma conotação de divisão, de segregação. Falar de feminismos no plural trata-se então, de abarcar a emergência de uma multiplicidade de projetos e perguntas que respondem a tensões políticas e complexidades teóricas, abrindo novas dimensões no processo, sempre inacabado, de definição do feminismo. (CABRERA; MONROY, 2014, p. 21)

Assim, feministas negras e lésbicas chamam a atenção para o perigo de trazer esse fenômeno identitário de “ser mulher” com pretensões de abarcar uma diversidade de mulheres, já que “mulheres com diferentes corpos e práticas sofrem diferentes tipos de opressão” (OLIVEIRA, 2013, p.1).

Aqui, cabe trazer a teoria da interseccionalidade como importante ferramenta que irá nos permitir pensar na multiplicidade de vetores de opressões que as mulheres podem estar inseridas de uma forma simultânea e entrecruzada e que não podem ser vistas de forma dissociada. Em outras palavras, “a teoria da interseccionalidade pretende examinar como as várias categorias (social e culturalmente construídas) interagem a múltiplos níveis para se manifestarem em termos de desigualdade social” (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 15), não se tratando apenas de adições de opressões diferentes, mas da interseção delas. “As opressões não podem ser sumariamente classificadas, relacionadas casualmente, e distribuídas entre planos pretensamente correspondentes ao que é ‘original’ e ao que é ‘derivado’”. (BUTLER, 2015, p. 38). Tomando como exemplo uma mulher branca e heterossexual, veremos que ela deterá certos “privilégios” diante de uma mulher negra e lésbica, por exemplo, embora as duas continuem sofrendo com a opressão por serem mulheres.

Esse modo de entender a teia de opressões de uma forma mais complexa, inaugura ao feminismo uma forma de pensar criticamente sobre que mulheres o feminismo representa e de que mulheres o feminismo fala?, buscando assim abarcar o maior número possível de mulheres no movimento, sem, contudo, desconsiderar que elas não sofrem a opressão de uma forma igual e, portanto, tem também suas bandeiras próprias

de luta. Que flores cabem e coexistem no jardim? Assim, é de suma importância que, para que possamos adentrar ao transfeminismo, o vejamos por uma ótica feminista interseccional.

## **SEU NOME NÃO ESTÁ NOS LIVROS, SUA COR NÃO SE PERCEBE, MAS É UMA FLOR: SURGIMENTO DO TRANSFEMINISMO NO MOVIMENTO FEMINISTA**

*[...] Façam completo silêncio,  
paralisem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.  
Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
[...] Mas é realmente uma flor [...].*

Carlos Drummond de Andrade

Valendo-me da mesma metáfora na qual eu inicio o capítulo anterior, continuo pensando sobre flores, rosas, jardins e feminismos. Nessas reflexões que mergulho, trago agora outro tipo de flor para traçar a trajetória do transfeminismo dentro do movimento feminista. Em um mundo onde as rosas parecem estar no lugar central da categoria de onde partem as reivindicações, pensemos agora que a constituição desse jardim tem se modificado, ou pelo menos se muda a forma de olhar pra ele e perceber a infinidade de flores e cores!

Não é à toa que o título desse trabalho e mesmo o início desse tópico, fazem menção ao poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade. Nesses versos, podemos enxergar a resistência de uma flor que nasceu nas adversidades, que não tem nome nos livros, não são dadas condições para que suas pétalas se abram, quase não é notada, mas nasceu! Pensando nessas flores, trago aqui o exemplo de uma flor rara e tida como abjeta, que poucas pessoas param para contemplá-la. São esquecidas num cantinho de chão com a terra pouco regada. Até o sol parece não querer iluminá-la, e é à luz da lua que elas podem desabrochar. Pensar nessa flor esquecida, me faz traçar uma alusão às mulheres trans\* por delegarem a elas esse lugar de estranho e patológico onde está pré-estabelecido um padrão de normalidade para a o desempenho dos papéis de

homem e mulher, ancorado no sistema binário de gênero<sup>3</sup>, desconsiderando as pessoas que fogem à essa amarra.

Podemos situar o desabrochar do transfeminismo, tal como vemos hoje, no 10º EFLAC, mas isso não quer dizer que o movimento transfeminista tenha surgido nessa época, mas que o movimento tomou uma certa visibilidade a partir daí, quando houve pela primeira vez, uma reivindicação formal da participação das pessoas trans\*, que se autodenominavam feministas no Encontro<sup>4</sup>, reivindicação esta que foi levada para votação na plenária final do evento.

Não é raro presenciarmos discussões fervilhantes sobre a validação ou não do transfeminismo enquanto movimento feminista 11 anos depois do 10º EFLAC. Então podemos mesmo dizer que o transfeminismo é tão novo assim?

Existe uma masturbação intelectual da ‘temática’ identidades trans\* – a exotificação e colonização pela academia ainda transmite a impressão de que o assunto é muito recente, mas sabemos que tem pelo menos 2 décadas – marco d@s teóric@s queer que impulsionaram os estudos sobre ‘pós-gênero’ e identidades não-cisgêneras.

(KAAS, Hailey. **Transfeminismo [Blog]**. Disponível em: <http://transfeminismo.com/breve-nota-sobre-o-vi-congresso-abeh/>)

O transfeminismo não tem sido um tema tratado na academia, mas é uma discussão que ferve na internet, como já discutimos anteriormente. Por que são poucos os artigos encontrados sobre o transfeminismo? Onde estão sendo feitas essas discussões e interlocuções? O que cabe e o que transborda os muros da academia? Nessa busca por textos e artigos que pudessem ajudar na minha caminhada, me deparei inicialmente com o blog Transfeminismo, criado em 2011 por Hailey Kaas, reconhecida militante transfeminista, onde pude me debruçar sobre uma leitura atenta a alguns de seus arquivos. Em seus primórdios, o blog tratava mais de questões gerais sobre o feminismo

---

<sup>3</sup> Entende-se como sistema binário de gênero a forma reducionista de pensar os gêneros como apenas dois – masculino e feminino -, tomando por base a diferenciação anatômica e fisiológica entre homens e mulheres, delimitando papéis rígidos e previamente delimitados para cada um.

<sup>4</sup> É importante aqui discorrer sobre a importância de eventos como estes no movimento feminista, onde mais que espaços de fortalecimento interno e discussão dos passos feministas, os encontros nacionais e latinoamericanos se construíram enquanto lugares de exercício de uns modos de ser feminista e fazer feminismos. (ADRIÃO e COSTA apud ADRIÃO, TONELI, MALUF, 2011, p.662).

e impressões mais pessoais sobre a militância e só em outubro de 2011, as questões trans\* foram tomando corpo e espaço, quando a até então única autora viu a falta de visibilidade do Dia Internacional de Ação pela Despatologização Trans\*. Em novembro do mesmo ano, Hailey vê a necessidade então do blog focar mais em aspectos referentes ao transfeminismo:

Este blog, embora se disponha a debater sobre diversos assuntos de Direitos Humanos, principalmente Feminismo, recentemente notou uma defasagem no que diz respeito à visibilidade trans\*[...], por isso, iremos enfatizar a visibilidade dessas identidades, evidenciando-as no blog.

(KAAS, Hailey. **Transfeminismo. [Blog]**. Disponível em: <http://transfeminismo.com/0811aniversario-de-herculine-barbin-dia-internacional-da-memria-intersexual/>)

Assim, o site é hoje importante espaço de informações, discussões críticas e ativismo trans\*, contando com a colaboração de outras pessoas do movimento transfeminista.

O blog então se torna a imagem exemplificada de como foram e estão sendo construídos os conhecimentos dentro do movimento transfeminista ao trazer um conjunto de arquivos colaboram no entendimento sistemático do movimento, postagens relativas à militância, discussão do movimento de despatologização trans\*, questões relacionadas à mídia, discussões referentes à saúde dessas pessoas e até uma biblioteca virtual com artigos e textos sobre o transfeminismo. Como traz Hailey Kass, fundadora do blog:

Naquele momento, pouco ou nenhum material sobre transfeminismo existia na internet, especialmente material original. Fico satisfeita em saber que em muito pouco tempo conseguimos crescer e difundir a temática do Transfeminismo no Brasil, juntamente, é claro, com outros grupos e coletivos transfeministas que trabalharam para tal.

(KAAS, Hailey. **Transfeminismo. [Blog]**. Disponível em: <http://transfeminismo.com/novo-site-do-transfeminismo-atualizacoes-e-novidades/>)

Posteriormente, ao me deparar com postagens do blog Transfeminismo que ressaltavam os embates entre transfeministas e feministas radicais e procurando também



entender como se dá a construção de argumentos contrários à participação das trans\* no movimento, encontrei o blog RadFem (radfem.info), criado em 2014 e que conta com postagens tanto de feministas brasileiras, quanto traduções de outras feministas, principalmente sobre a causa da inserção trans\* no movimento e a postura do Feminismo Radical diante disso.

É importante, no entendo, situar os pequenos, mas significativos pedaços de chão que o movimento transfeminista foi conquistando. Embora o transfeminismo ainda gere profundos debates, tensões e resistências, alguns avanços foram sendo percebidos desde o 10º EFLAC até hoje, como: 1) a participação das trans\* na 11ª edição do evento; 2) a realização do I e II Seminário Internacional Desfazendo Gênero (2013 e 2015), que trouxeram como temas “Subjetividade, Cidadania e Transfeminismo” e “Ativismos das Dissidências Sexuais e de Gênero, eventos permeado por mesas, grupos de trabalhos e performances de pessoas trans\*; 3) Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 que aconteceu em 2015 e trouxe um Simpósio Temático com o tema Feminismo Transgênero ou Transfeminismo; 4) e o lançamento de um livro com o título “Transfeminismo: Teorias e Práticas” em 2014, organizado pela transfeminista Jaqueline Gomes de Jesus e colaboradores.

## **QUE FLORES PODEM COEXISTIR NESTE MESMO JARDIM? TENSÕES GERADAS PELO TRANSFEMINISMO**

O movimento feminista é plural. São feminismos, reivindicações, bandeiras de luta, flores, mulheres, opressões, mãos em punho! Seriam os feminismos tão plurais quanto às formas de opressão a que suas protagonistas são submetidas? Quem cabe nesses feminismos? Há condições pra que, nesse solo, todas as flores desabrochem?

Como o 10º EFLAC foi um importante marco temporal, vamos trazer uma discussão sobre os tensionamentos que ocorrem entre transfeministas e feministas radicais também partindo desse Encontro. Mesmo tendo garantida – em tese - a participação das mulheres transfeministas nos próximos Encontros, ainda hoje essa questão é debatida e causa uma certa resistência em rodas de conversa e encontros de mulheres. As tensões construídas entre transfeministas e feministas radicais, são

perpassadas, geralmente, pelas diferentes formas como elas entendem a noção de gênero.

O sistema binário de gênero que conhecemos foi estabelecido mediante a observação das diferenças anatômicas e fisiológicas entre os corpos, logo, fomos divididos em homens e mulheres de uma forma fixa e pré-estabelecida a partir de nosso corpo. É valendo-se dessa mesma explicação biológica e, posteriormente, da socialização dos dois gêneros, que o Feminismo Radical encontra embasamentos para sua argumentação.

Para as feministas radicais, gênero é “um sistema de relações de poder estruturadas no modelo binário de homens e mulheres [...] e a subordinação de um gênero pelo outro é o centro da luta e o que deve ser combatido” (MOITA; TRAUMATURGO. 2013, p. 4), ou seja, “pressupondo a dominação, o outro é necessariamente o dominador, portanto o conhecimento sobre a mulher exclui o outro [o homem]” (SARTI *apud* MEDRADO; LYRA, 2008, p.819). Dever-se-ia libertar as mulheres do poder dos homens, que seriam a origem das opressões, construindo uma cultura masculina de violência.

Para as transfeministas, “o aspecto mais relevante do conceito de gênero diz respeito à identidade social atribuída às pessoas no momento do nascimento[...]. A rigidez do sistema binário de gênero é a fonte de toda a opressão” (MOITA; TRAUMATURGO. 2013, p. 4).

Um dos maiores tensionamentos está na dificuldade das Feministas Radicais em reconhecer assim, a identidade de gênero feminina das mulheres trans\*, referindo-se a elas como “homens que desejam ser mulheres” ou “homens que nasceram no corpo errado”, insistindo em aprisioná-las na questão/condição corporal biológica, exemplificando que permitir a entrada do movimento transfeminista nos encontros, seria entregar novamente o microfone aos homens (se referindo às mulheres trans\*) num espaço auto-organizado por mulheres. As pessoas a favor argumentavam que elas, por se autodenominarem mulheres e feministas, deveriam sim ter um espaço reconhecido dentro do movimento feminista, até porque já tinham uma participação efetiva no evento (ADRIÃO; TONELI; MALUF, 2011, p.667).

O blog RadFem mostra de forma concreta e explícita, várias postagens argumentativas que exemplificam como os argumentos contra a inserção das trans\* no movimento, estão sustentados pela compreensão das mulheres trans\* enquanto homens e de que os homens são a raiz da opressão e subordinação de gênero:

O transexualismo nos diz que mulheres são nada menos que homens castrados. Sobre os homens, ele diz que eles não podem ser satisfeitos apenas nos fodendo. Pra nos consumir completamente, é preciso que eles se tornem mulheres e nos digam o que nós somos.

**(RadFem.info. [Blog].** Disponível em: <http://radfem.info/a-verdade-e-a-mentira/>)

É complicado, porém, considerar a condição biológica como um argumento de importância principal, porque seria retornar a algo que já vínhamos debatendo desde os tempos de Beauvoir, que o sexo nos aprisiona em um imaginário de gênero socialmente construído e anterior a nós, o qual deveríamos seguir à risca, mas que nem sempre é o que acontece. Dizer que não se nasce mulher, e sim torna-se, implica reconhecer que a nossa identidade de gênero não é tão fixa quanto o sexo parece ser. Butler (2015, p.26) nos faz pensar que, se considerarmos o gênero como algo que se constrói radicalmente independente do sexo, então ele se torna assim, um artifício flutuante. Onde homem e masculino pode significar tanto um corpo feminino como masculino e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como feminino.

A socialização do homem e da mulher perante o sistema machista em que vivemos é feita de forma diferente por, durante o desenvolvimento do sujeito, serem influenciados a seguir certos estereótipos de gênero. Porém, afirmar que a socialização de uma mulher trans\* seguiu o mesmo padrão masculino e que, por isso, essas pessoas se comportariam tal qual lhes foi ensinado (cultura masculina de violência), seria considerar as crianças como sujeitos passivos diante desse processo de socialização e não se considera, por exemplo, que muitas das experiências da infância dessas mulheres trans\* podem ter sido complicadas devido à justamente essas crianças não estarem seguindo a socialização que lhes foi “imposta”.

Então, pensar que a socialização de uma pessoa como um processo fixo e imutável ao qual o sujeito é passivo, trazendo-a como um fator de exclusão dessas mulheres do movimento feminista é pensar o contexto de uma forma reduzida, pois a socialização de uma mulher cis e de uma mulher trans\* com certeza será diferente, assim como a socialização de uma mulher cis branca será diferentes de uma mulher cis negra, por exemplo. Ou seja, as mulheres passam por níveis de opressões diferentes sem que isso diminua a experiência da outra, é preciso pensar por uma ótica interseccional!

Torna-se demasiado complicado tratar o patriarcado como ilustrado apenas pela figura masculina pois, assim como seria uma concepção essencialista pensar o conceito de mulher como uno, atribuindo aí características de uma mulher que foi impelida a ser frágil e do lar, também seria simplório pensar que todo homem, por sua condição biológica, é opressor. Isso desconsidera uma série de fatores, inclusive a de que o patriarcado hoje se alimenta dos mais variados discursos sejam eles proferidos por homens ou ecoados nas vozes de instituições e está engendrado nas nossas relações.

Como nos trazem Medrado e Lyra (2008, p.819), é preciso que tragamos uma reflexão do conceito de gênero que não seja conivente com a diferenciação sexual como determinante biológica e social, e sim que se adote uma visão que rompa com a visão dicotômica feminista que adota a noção de dominação, naturalizando o homem como dominador e a mulher como dominável, sem um aprofundamento em como estão sendo construídas essas noções de masculinidades e feminilidades num campo relacional entre o eu e o outro.

Ao invés de procurar os culpados, é necessário identificar como se institucionalizam e como se atualizam as relações de gênero, possibilitando efetivamente transformações no âmbito das relações sociais “generificadas”, ou seja, orientadas pelas desigualdades de gênero. Isso não implica processo de *desresponsabilização* individual, mas reconhecer que as análises que agregam a dimensão relacional do conceito de “gênero” permitem compreender ou interpretar uma dinâmica social que hierarquiza as relações entre o masculino e o feminino e não apenas entre homens e mulheres, mas nos homens e nas mulheres.

(MEDRADO; LYRA, 2008, p.820)

Além dos argumentos já citados, as Radfems ainda argumentam que as modificações corporais e a performance <sup>5</sup>de gênero que muitas mulheres trans\* fazem são exacerbadas e reforçam ainda mais o estereótipo de feminilidade. Alegam ainda que as “cirurgias podem dar os órgãos femininos internos e externos artificiais, mas não podem lhe conceder a história de ter nascido uma mulher nesta sociedade.” (RadFem.info. [Blog]. Disponível em: <http://radfem.info/auto-definicao/>). Porém, exigir das mulheres trans\* uma subversão no que concerne ao modo de viver a sua experiência de gênero, feito, por vezes de maneira estereotipadamente feminina, é ver a situação por uma ótica reduzida. Há mulheres trans\* que acabam reproduzindo os estereótipos, assim como há aquelas que não se comportam assim, da mesma forma que algumas mulheres cis gostam de salto e maquiagem e outras de cabelo curto e tênis. Não podemos esquecer as mulheres trans\* estão inseridas nessa mesma sociedade que nos impõe modos de vestir, agir, sentar e falar e, se elas acabam, por exemplo, estereotipando a forma como se apresentam, é na busca de cada vez mais se aproximar desse ideal de feminilidade e ter sua identidade reconhecida.

Muito embora eu tenha trazido aqui argumentos contrários à inserção trans\* no movimento feminista e logo após ter trazido outros argumentos que fazem refletir sobre os primeiros, é necessário que os embates existentes entre transfeministas e RadFems não se tornem um jogo de cabo de guerra, onde cada uma das pontas é puxada por pessoas detentoras de verdades que auxiliam no seu interesse, dividindo assim, o movimento, o que não é interessante ao feminismo. Por outro lado, “insistir a priori no objetivo de ‘unidade’ da coalizão supõe que a solidariedade, qualquer que seja seu preço, é um pré-requisito da ação política” (BUTLER, 2015, p.39) e isso não condiz com a realidade. As divergências existem e são fortes, qual a saída então? As flores tem diversas formas de existir: cores, cheiros, texturas, tamanhos mas cabem todas num mesmo jardim mas, para isso, é preciso que hajam condições equivalentes para que elas floresçam, respeitando suas especificidades e singularidades.

Assim, mesmo com as divergências, tanto o transfeminismo quanto o feminismo radical, estão inseridos nesses vários feminismos, são bandeiras diferentes de lutas semelhantes. O que é importante é o movimento autocrítico e autorreflexivo que os

---

<sup>5</sup> A palavra performance tem aqui um uso distinto do conceito de Judith Butler de performatividade. O conceito de performance pressupõe a existência de um sujeito, ou seja, é a própria noção de sujeito original que está sendo parodiada. A performatividade, no entanto, questiona a própria noção de sujeito.

feminismos tem que fazer sobre suas teorias e práticas, de forma a abarcar todas as mulheres, independente de suas diferenças ou dos graus de opressão a que estão submetidas e que todas elas tenham iguais condições de lutar contra o machismo e as opressões.

## **SABERES PSI: ADUBO E VENENO PARA AS FLORES DO JARDIM**

Escrever esse trabalho na graduação em psicologia é estar atravessada por diversas questões. Trazer para essa área uma discussão sobre o transfeminismo é uma ideia bastante perigosa, pois esse lugar de suposto saber que me encontro, posicionada em um dos campos de produção de conhecimentos e práticas que mais tece verdades, laudos e pareceres sobre a população trans\*. Mas, em contrapartida, trazer o tema é também buscar possibilidades dentro dessa psicologia, de traçar um caminho contra hegemônico, de realizar uma prática mais compromissada ética e politicamente com as diversas formas de existência. Nesse jardim, a psicologia é uma substância que, dependendo de como a manejamos, ela pode tanto adubar, quando envenenar as flores.

Para entendermos muitas práticas na quais a psicologia esteve e está ancorada, é preciso revisitar o contexto político e histórico no qual a ela chegou ao nosso país. A psicologia no Brasil foi regulamentada em 1962, bastante influenciada pelos modelos europeu e norteamericano que foram inseridos mecanicamente em nossa realidade e com pretensões de ser uma ciência neutra, objetiva e universal. Desenvolve-se e se consolida como ciência e profissão, à medida que consegue responder às necessidades advindas da emergente burguesia industrial, em criar-se um projeto político, econômico e social dirigidos por essa nova classe dominante. (APARECIDA; ANTUNES, 2012, p. 58). Sua implementação foi perpassada também por um crítico período de instauração de golpe militar em 1964, onde sua prática corroborava com a tentativa de controle e normatização dos corpos, ancorada em um modelo clínico e elitista, que se preocupava mais com os interesses do sistema do que com os dos sujeitos nele inseridos.

Mesmo durante o período de ditadura militar, onde a psicologia estava compromissada com o interesse de alguns, surgiram alguns movimentos de resistência que questionavam a psicologia que estava sendo praticada. “Aos interesses de quem serve a psicologia?” Hoje, vemos ainda que algumas discussões ainda são feitas com o objetivo de pensar qual o alcance social de suas práticas e teorias: “a psicologia é uma

autêntica ciência [...], reservá-la para poucos, como tem sido feito, é desvirtuar seu valor como instrumento de modificação social.” (MELLO *apud* YAMAMOTO, 2012, p.7).

Voltando o olhar crítico para uma psicologia que parece estar compromissada com o interesse de uma parcela pequena e elitista da população e, ou deixa desassistida a outra grande parte que não detêm os mesmos privilégios ou tece discursos normativos, amparada por manuais de patologização, laudos e pareceres sobre ela, vemos o quanto essa patologização é forte quando se trata de existências que destoam do padrão de normalidade que a sociedade estabeleceu, leia-se pessoas tidas como loucas, crianças hiperativas, psicopatas, pessoas não binárias, LGBTs, entre uma infinidade que poderíamos continuar listando. “Bombardeamos a cidade, a rua, as casas de explicações psicológicas e comportamentais na tentativa de enquadrar a vida e suas ramificações em conceitos que sufocam e mortificam as pessoas” (ABRANTES, 2015, p.15).

Diz-se que o fenômeno da transexualidade não é mais visto como doença na quinta edição do DSM (Diagnostical and Statistical Manual of Mental Disorders), pois foi trocado o termo “Transtorno de Identidade de Gênero” por “Disforia de Gênero”. Porém, basta refletirmos melhor sobre esse o tema para avaliar que não avançamos tanto assim, pois o termo está ligado a um estado caracterizado por ansiedade, depressão e inquietude.

No Brasil, para as pessoas trans\* conseguirem ter acesso à terapia hormonal e as diversas cirurgias de adequação de gênero, elas tem que ser submetidas ao saber da psicologia e saírem de lá com um laudo diagnosticando que possuem uma disforia, assim, sendo submetidas a dois anos de psicoterapia compulsória. Ana Valéria Vasconcelos (2013, p.3) traz que:

Segundo a resolução do Conselho Federal de Medicina (nº1995/2010), apenas após o diagnóstico médico de Transtorno de Identidade de Gênero, é possível começar o processo de mudanças corporais, além de colocar outros critérios para o atendimento de sujeitos trans no SUS, como ter acima de 21 anos, apresentar aversão aos órgãos sexuais, ter desejo expresso de eliminar os órgãos genitais e características sexuais secundárias e ausência de outros transtornos mentais.

As pessoas que vão de acordo com essa resolução, defendem que a presença do fenômeno da transexualidade no DSM-V, argumentando que isto facilita o acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS) e aos procedimentos do processo transexualizador.

O movimento pela despatologização das identidades trans\* (Stop Patologization Trans) vem crescendo em todo o mundo e propõe a retirada da experiência trans\* do DSM, mas, mais que isso, objetiva uma mudança na forma patologizada da ótica pela qual essas pessoas são vistas para que elas tenham pleno acesso a seus direitos e autonomia perante o seu próprio corpo e tratamentos. Como trazem Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012, p. 574),

a patologização não garantiu direitos de fato, mas impôs um modelo para se pensar a transexualidade como experiência catalogável, curável e passível de normalização. Tratou-se até aqui de um processo que qualificou alguns saberes científicos como os únicos capazes de dar respostas acertadas às vivências que desafiam as normas de gênero.

Dessa forma, ancorar-se na patologização da experiência trans\* para se ter acesso ao SUS, é ir contra os seus próprios princípios que preconizam o atendimento integral e universal a toda e qualquer população.

É por esse movimento e pela resolução do Ministério da Saúde, que o saber psi começa a ser discutido e criticado pelo transfeminismo. A psicologia, como um campo que tem esse lugar de detentor de um saber, acaba corroborando com a construção de opiniões e discursos sobre essas pessoas. Ao patologizar a existência trans\*, tal como vem sido feito comumente, está também negando as suas próprias experiências subjetivas, desqualificando e não reconhecendo sua identidade de gênero, ou até identificando-a como um problema a ser tratado com em terapia.

Um saber que patologiza a experiência trans\* e um movimento que deslegitima a vivência das mulheres trans\* dentro da sua identidade de gênero. Qual a interseção entre o discurso da psicologia e do feminismo radical? Ambos estão equiparados por uma visão biológica que ainda percebe essas pessoas como homens que desejam ser mulheres ou como pessoas que nasceram no corpo errado.

Que outras práticas não hegemônicas e que fujam dos ditames da psiquiatria e da medicina são possíveis à psicologia? Como é possível então pensar outro modo de atuação em que esta não contribua para a construção de processos de opressão aos quais



as mulheres trans\* estão submetidas? Como podemos nos banhar de seus saberes e atuar como adubo, contribuindo para o crescimento e florescimento das práticas contra hegemônicas e compromissadas ética e politicamente com outros modos de existência?

“Vemos o mundo de onde sentamo-nos. Se tivermos sorte, podemos nos deslocar e ver o mundo diferente, mas onde sentamo-nos importa.”. Diante da afirmação dita por Michelle Fine (*apud* ADRIÃO, 2015, p. 480), me sinto impelida a refletir sobre o local onde estou sentada. É um local que me posiciona enquanto mulher, cis, feminista, graduanda em psicologia, numa cadeira relativamente confortável e inegavelmente privilegiada em relação a tantas outras cadeiras duras e que me pôs a pensar: “O que os feminismos aos quais adentrei tem a ver com o meu futuro modo de atuação como psicóloga? E ainda mais, quais as interseções possíveis entre psicologia e feminismo? Como essas articulações englobam as mulheres trans\*?”

Diante de tantas questões já postas, é notável a necessidade de se pensar a psicologia por um viés crítico, enquanto prática que não reproduza as estruturas heterossexistas, androcêntricas e etnocêntricas advindas do modo tradicional do fazer científico. É fundamental que construamos uma psicologia compromissada com as demandas sociais e que dê ouvidos às vozes subalternas, então pergunto “como estão sendo ouvidas essas mulheres dentro das salas de psicologia?”

Nós pessoas trans\* e aliad@s cis, transfeministas, não podemos aceitar a reprodução dessa visão que rege os documentos oficiais pseudocientíficos CID E DSM, os quais patologizam e diagnosticam pessoas trans, sempre em relação ao destino biológico cissexual. Queremos ser ouvid@s e não queremos pessoas que utilizam suas posições de poder (psicólogos, psiquiatras, psicanalistas) para proferir pseudoverdades sobre nós – somos NÓS quem decidimos quem somos, como nos identificamos, quais são os limites de nossos gêneros – não aceitamos as afirmações que distorcem a identidade de gênero.

(KAAS, Hailey. **Transfeminismo**. [Blog]. Disponível em: <http://transfeminismo.com/nota-de-repudio-ao-texto-o-mundo-nao-e-preto-e-branco-e-sim-colorido-vamos-falar-de-sexo/>)

Então, é preciso romper primeiramente com essa escuta patologizante do indivíduo e assim livrando-se em partes das amarras do discurso médico e psiquiátrico e

comprometendo-se com a escuta daquelas que melhor podem falar acerca da sua condição, bem como seus desejos: as próprias mulheres trans\*.

Na busca de desvincular-se dessa psicologia que pretende-se objetiva e universal, podemos analisá-la criticamente a partir de epistemologias feministas, que “implicam o reconhecimento da influência dos fatores sociais, históricos e políticos na construção do conhecimento” (NEVES; NOGUEIRA, 2005, p. 411). Porém, não é fácil tecer práticas contra hegemônicas em uma ciência ainda tão ancorada no binômio normal – patológico.

Só quebrando com as práticas engessadas e mecânicas, podemos construir uma forma de conhecimento que não colabore com discursos normativos e adoecidos e que se comprometa ética e politicamente com a responsabilidade de contribuir para o processo de mudança social, pois “o papel mais importante da investigação em Psicologia deve ser estar ao serviço não de teorias abstratas, mas de problemas particulares de um determinado momento ou contexto e só nesta perspectiva a Psicologia poderá ter um potencial radical de transformação da vida social” (GERGEN apud NOGUEIRA; NEVES, 2005, p. 411).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (MAS É SÓ O INÍCIO...)**

Escrever do alto de minha cadeira dura, mas privilegiada, me ver pensar muitas vezes em não mais escrever sobre esse tema. Não raras vezes perdia o sono e decidia que escreveria sobre algo que não me afetasse tanto. Escrever custa o próprio sangue. Escrever com o próprio sangue.

Porém, mais difícil e doloroso que escrever, seria não escrever. Escolher não mais falar sobre transfeminismo, seja porque encontrei pouco referencial teórico para ler e diversos obstáculos em meu caminho, seja porque desejaria que esse mesmo trabalho estivesse sendo escrito por uma mulher trans\* que sentisse correr nas veias toda a revolta de ter sua identidade de gênero negada, seria deixar que o silêncio fosse arma nas mãos das pessoas que querem calá-las, seria deixar que as suas histórias de luta afundassem.

Finalizar esse texto é ter a certeza de que ele não se finda aqui, mas sim que ele é apenas um caminho longo a se percorrer. Ainda nos deparamos com diversos discursos e práticas que amarram e sufocam a existência das mulheres trans\* - a Igreja, o Estado, a sociedade cissexista, os saberes médicos e psis – negando a sua identidade e restringindo-lhes de seus direitos.

A psicologia tem um compromisso histórico com essas existências, é preciso que repensemos nossa prática de forma que a ela não colabore para engrossar argumentos de opressão. Se torna indispensável que reflitamos sobre qual o alcance social da psicologia e sua responsabilidade para o processo de mudança social, firmando um compromisso ético e político com os diversos modos de existências e subjetividades.

Que essas linhas contribuam para que a questão do transfeminismo seja discutida, dentro ou fora da academia, que elas denunciem as diversas práticas que amarram e sufocam esses modos de existir, que elas atuem enquanto uma arma quente na mão das pessoas cujas vozes são silenciadas. Que esse texto abra portas e janelas, pois era justamente essa a minha intenção: não amarrar, não delimitar, mas deixar que a construção desse conhecimento se desse de forma livre e questionadora, porque respostas prontas não as tenho.

É preciso cuidar do solo, é preciso cuidar das flores. Não podemos negligenciar as flores! Rosas, damas da noite, orquídeas, cravos, margaridas, girassóis. Paremo-nos para observar as flores que são resistência:

[...] Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.  
Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.  
Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.  
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

A flor e a náusea - Carlos Drummond de Andrade

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, S. P. **Vidas inquietas na cidade:** Narrativas travestis na formação em Psicologia. CCBS-UFCG, Campina Grande. 2015, 56 pp.

ADRIÃO, K. G. TONELI, M. J. F. MALUF, S.W. O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. In: **Revista Estudos Feministas**, v. 19. n. 3, p. 661-681, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2011000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000300002). Acesso em: 27 out. 2015.

ADRIÃO, K. G. Feminismo, Psicologia, e Justiça social: um encontro possível? Uma entrevista com Michelle Fine. In: **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 3, p. 479-486, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3893>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras. In: **Ensaio**, Florianópolis. v. 8. n. 1. p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em: 20 out. 2015.

APARECIDA, M. ANTUNES, M. A psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. In: **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 32, n. esp., p. 44-65, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932012000500005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500005)>. Acesso em: 15 ago. 2015.

BENTO, B. PELÚCIO, L. Despatologização do Gênero: a politização das identidades abjetas. In: **Revsta Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 569-581, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2012000200017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200017)>. Acesso em: 5 mai. 2016.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CABRERA, M. MONROY, L. V. Transfeminismo, descolonialidad y el asunto del conocimiento: algunas inflexiones de los feminismos disidentes contemporáneos. *In: universitas humanística*, n.78, p. 19-37, 2014. Bogotá – Colômbia. Disponível em: < [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-48072014000200002](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48072014000200002) >. Acesso em: 14 jan. 2016.

JESUS, J. G. et al. **Transfeminismo: teorias & práticas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Metanóia, 2014.

JESUS, J. G. Gênero sem Essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. *In: Universtas Humanística*, v.78, 241 – 258, Bogotá. Disponível em: < [http://www.sci.unal.edu.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-48072014000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.sci.unal.edu.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48072014000200011&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em: 4 out. 2015.

KASS, Hailey. **Transfeminismo**. 08/11 – Aniversário de Herculine Barbin; Dia Internacional da Memória Intersexual. [Blog Internet]. Disponível em: < <http://transfeminismo.com/0811aniversario-de-herculine-barbin-dia-internacional-da-memria-intersexual/> >. Acesso em: 24 mar. 2016.

KASS, Hailey. **Transfeminismo**. Breve nota sobre O VI Congresso ABEH. [Blog Internet]. Disponível em: < <http://transfeminismo.com/breve-nota-sobre-o-vi-congresso-abeh/> >. Acesso em: 24 mar. 2016.

KASS, Hailey. **Transfeminismo**. Nosso site do Transfeminismo, Atualizações e Novidades! [Blog Internet]. Disponível em: < <http://transfeminismo.com/novo-site-do-transfeminismo-atualizacoes-e-novidades/> >. Acesso em: 30 mar. 2016.

KAAS, Hailey. **Transfeminismo**. Nota de Repúdio ao texto “O mundo não é preto e sim, colorido. Vamos falar de sexo?”. [Blog Internet]. Disponível em: <http://transfeminismo.com/nota-de-repudio-ao-texto-o-mundo-nao-e-preto-e-branco-e-sim-colorido-vamos-falar-de-sexo/>).

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. *In: Educação e Realidade*, Porto Alegre. v. 28. n. 2. p. 101-115, 2003. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25643> >. Acesso em: 20 jan. 2016.

NEVES, S. NOGUEIRA, C. Metodologias Feministas: A reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. *In: Psicologia: Reflexão e Crítica*. v. 18. n. 3. p. 408-412, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/371/1/Neves-Nogueira2005PRC.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

NOGUEIRA, C. OLIVEIRA, J. M. Um olhar da psicologia feminista crítica sobre os direitos humanos de pessoas LGBT. *In: Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e identidade de gênero*, Lisboa. NOGUEIRA, C. OLIVEIRA, J. M. (org.) Disponível em: <[http://www.igualdade.gov.pt/images/stories/documentos/documentacao/publicacoes/Estudo\\_OrientacaoSexual\\_IdentidadeGenero.pdf](http://www.igualdade.gov.pt/images/stories/documentos/documentacao/publicacoes/Estudo_OrientacaoSexual_IdentidadeGenero.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

OLIVEIRA, J. G. B. Sujeitos políticos do feminismo: (des)legitimidade para travestis e transexuais?. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

**RadFem.info. [Blog]**. A verdade e a mentira. Disponível em: <<http://radfem.info/verdade-e-a-mentira/>>. Acesso em: 4 mai. 2016.

**RadFem.info. [Blog]**. Auto- definição. Disponível em: <<http://radfem.info/auto-definicao/>>. Acesso em: 4 mai. 2016.

RODRIGUES M. N., MENEZES, J. A. O desafio de Pesquisar: reflexões sobre metodologias e feminismo a partir de uma experiência de pesquisa. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

SANTOS, D. B. C. Nome social de travestis e transexuais na escola básica: política pública afirmativa ou *capricho*? *In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE* (Anais Eletrônicos), Curitiba, 2009.

UBACH, T. C. ¿Quién teme a la psicología feminista? Reflexiones sobre las construcciones discursivas de profesores, estudiantes y profesionales de psicología para que cuando el género entre en el aula, el feminismo no salga por la ventana. *In: Pró-*

**Posições**, Campinas. v. 19. n. 2. p. 25-46, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a04v19n2.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

YAMAMOTO, O. H. 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político? In: **Psicolog. cienc. prof.** Vol 32 no spe. Brasília, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932012000500002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500002)>. Acesso em: 22 jul. 2015.